

10-2017

## ‘Dar testemunho em nome de Cristo’

Pedro Quintans da Silva

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana>

---

### Recommended Citation

Quintans da Silva, P. (2017). ‘Dar testemunho em nome de Cristo’. *Missão Espiritana*, 27 (27). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana/vol27/iss27/53>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

.....

sar dos convites se terem sucedido: para a Peregrinação Nacional a Fátima, Encontros de Directores Espirituais, Congressos, Retiros, etc. Com a alegria de servir que o caracterizava, a sua resposta era Sim, tal como a de Maria, a quem tanto amava. E só nos últimos anos reduzimos os pedidos de colaboração... **Obrigada Padre Sabença... por tudo o que deu à Legião de Maria! E foi muito...**

E em jeito de despedida aqui vai mais um pedido: **“Lembre-nos junto de Nossa Senhora!”**

## **‘DAR TESTEMUNHO EM NOME DE CRISTO’**

PEDRO QUINTANS DA SILVA

“No final tudo se resume nisto: Dar testemunho em nome de Cristo. Se sofreis por Cristo, se o fizeres em nome de Cristo. É a vida de Cristo em nós que torna o nosso testemunho verdadeiro, capaz de atrair outros à verdade. Capaz de nos tornar participantes do projeto de Cristo.”

As palavras que transcrevo são a última homilia que escutei ao padre José Manuel no início de Dezembro de 2016. Na ocasião, e no seu quarto do Pinheiro Manso, comentou uma carta de São Paulo, já na prisão onde o apóstolo, no seu cárcere, aguardava a sentença.

Sou um dos muitos que tive o privilégio de conhecer e conviver com o padre José Manuel ainda muito novo. Ele estava na Rua do Parque, em Benfica, e eu era uma criança da paróquia de Nossa Senhora do Amparo. Os meus irmãos mais velhos frequentavam os Jovens Sem Fronteiras e, muitas vezes, eu ia com eles. Pouco tempo depois de o conhecer, já eu andava com ele para todo o lado: visitar os doentes no hospital Egas Moniz, ir ao bairro 6 de Maio ou visitar os militares na Amadora. Falava-me do seu trabalho de missionário e de como era importante servir os outros à semelhança de Jesus. Isto animou-me de tal modo que, aos 11 anos, decidi ser missionário à semelhança do testemunho deste Homem de Deus. No mesmo ano em que entrei no seminário, o padre Zélito foi para a África do Sul. Comecei a escrever-lhe. Hoje percebo o tamanho privilégio meu e que tamanha paciência a dele em responder a um miúdo. Em todas elas escrevia sobre a alegria de servir a Cristo no meio dos mais pobres e sempre a lançar a semente: «Um dia estarás aqui comigo», escrevia.

Muitos anos depois, voltei a cruzar-me com ele na Filosofia, na Rua do Pinheiro Manso. Desta vez, era meu superior e a sua postura e modo de

estar continuava a mesma: Dar testemunho em nome de Cristo. Lembro-me de tantas histórias que não caberiam neste texto. O estar junto dos pobres, o dar testemunho de Cristo nas situações limite levou-nos aos albergues noturnos da cidade e aos lares de idosos onde fazíamos serviço, ou a celebrar o São João com frangos porque ‘o preço da sardinha é uma afronta para aqueles que servimos’.

Conheci um santo. Sim, um santo daqueles que vemos nos altares ou nas histórias que nos contam. Despedi-me dele naquela manhã de Domingo com a esperança de que Deus, através do Venerável Libermann, pudesse fazer aquilo que parecia impossível.

Hoje percebo que naquele quarto já não estava o padre Zélito mas sim alguém que aceitou viver “a vida com Cristo” que torna o “nosso testemunho verdadeiro”.

Quando me despedi dele, voltou a dizer-me: «Estaremos juntos um dia!»

## O HOMEM QUE NÃO QUIS SER HERÓI

PEDRO VALINHO GOMES

Recordo o nosso primeiro encontro. O jovem missionário passava pelo seminário da Régua a caminho da sua missão, na África do Sul. Sentados em círculo, escutava o entusiasmado com que partia para o meio de um povo longínquo e o compromisso que assumia de ser voz dos sem voz e presença que fala do Deus presente. Admirei-lhe a coragem. Imaginei-o de porta em porta, entre os mais pobres dos *hostels* sul-africanos, a falar de esperança com o sorriso de quem a leva consigo e a deixa transpirar por todos os poros. Para o meu olhar de criança, o jovem missionário tinha algo de heróico. Ali estava quem se dispunha a ser a força dos frágeis. Bebi do seu entusiasmo pela missão, que me alimentou a jornada e a vocação.

Mais tarde, compreendi que o jovem missionário não era herói. Mesmo se falava em nome dos sem voz, como nunca deixou de fazer, a sua missão foi acima de tudo ser sinal profético da presença de Deus, seja nos *hostels* daquele povo longínquo, seja na formação e no acompanhamento de novos missionários, para quem não deixava de ser interpelação à exigência do discipulado de Cristo como contracultura. O jovem missionário não era herói. Era presença de uma Presença, todo um projeto de vida para não ser mais do que sinal daquilo ou d’Aquele que verdadeiramente conta. Para o meu olhar